

Mais de 8 milhões de livros vendidos

# LUCINDA RILEY

## A IRMÃ DA SOMBRA

As Sete Irmãs | Livro 3  
A História de Estrela





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

PARA FLO

*“Mas deixe espaços na sua intimidade.  
E permita que os ventos do paraíso dançem entre vocês.”*

KHALIL GIBRAN



# Personagens

## ATLANTIS

Pa Salt – *pai adotivo das irmãs [falecido]*

Marina (Ma) – *tutora das irmãs*

Claudia – *governanta de Atlantis*

Georg Hoffman – *advogado de Pa Salt*

Christian – *capitão da lancha da família*

## AS IRMÃS D'APLIÈSE

Maia

Ally (Alcíone)

Estrela (Asterope)

Ceci (Celeno)

Tiggy (Taígeta)

Electra

Mérope (não encontrada)

# *Estrela*

Julho de 2007

*Sempre me lembrarei de onde estava e do que estava fazendo quando recebi a notícia da morte do meu pai...*

Com a caneta ainda suspensa acima da folha de papel, ergui os olhos para o sol de julho, ou pelo menos para o pequeno raio que tinha dado um jeito de se esgueirar por entre a janela e o muro de tijolos vermelhos alguns metros à minha frente. Todas as janelas do nosso minúsculo apartamento davam para essa vista soturna e, apesar do tempo bonito lá fora, o interior estava escuro. Muito diferente da casa da minha infância, Atlantis, às margens do lago Léman.

Percebi que estava sentada exatamente no mesmo lugar onde me encontrava quando Ceci me contara sobre a morte de Pa Salt, na nossa salinha de estar sem graça.

Larguei a caneta e fui pegar um copo d'água da torneira. Fazia um calor pegajoso, úmido e abafado, e bebi com vontade, pensando que não *precisava* me obrigar a passar pela dor da recordação. Fora Tiggy, minha irmã mais nova, quem sugerira, quando nos encontramos em Atlantis logo após a morte de Pa:

– Estrela querida – dissera ela, enquanto velejávamos no lago para tentar afastar a tristeza. – Sei que você acha difícil *expressar* o que sente. Sei também que a sua dor é grande. Por que não escreve o que está pensando?

Quinze dias antes, voltando para casa de avião, eu refletira sobre as palavras dela. E, naquela manhã, eu havia me desafiado a aceitar a tarefa.

Encarei o muro de tijolos e percebi, com ironia, que aquela era a metáfora perfeita para minha vida atual, e isso pelo menos me fez sorrir. E o sorriso me levou de volta à mesa de madeira toda marcada que nosso duvidoso senhorio devia ter comprado a preço de banana em uma loja de quinquilharias. Tornei a me sentar e, mais uma vez, empunhei a elegante caneta-tinteiro com que Pa Salt me presenteara no meu aniversário de 21 anos.

– Não vou começar pela morte de Pa – falei em voz alta. – Vou começar por nossa chegada a Londres...

O baque da porta da frente se fechando me assustou, mas logo vi que era minha irmã, Ceci. Tudo que ela fazia era barulhento. Não parecia sequer capaz de pousar uma xícara de café sem batê-la com força e derramar o líquido para todos os lados. Tampouco tinha compreendido o conceito de “voz para falar dentro de casa”: ela gritava tanto que, quando éramos pequenas, Ma ficara preocupada e testara a audição da menina. É claro que não havia nada de errado. Um ano depois, nossa tutora estranhara o fato de eu não falar e me levou a um fonoaudiólogo.

– Ela guarda as palavras lá dentro. É só que prefere não usá-las por enquanto – explicara a profissional. – Vai chegar a hora certa.

Em casa, na tentativa de se comunicar comigo, Ma tinha me ensinado o básico da língua de sinais francesa.

– Sempre que você quiser alguma coisa, pode gesticular para me dizer o que está sentindo. E o que estou sentindo por você agora é isto aqui. – Ela apontou para si mesma, colocou as mãos sobre o coração, depois apontou para mim. – Eu... amo... você.

Ceci também tinha aprendido depressa e nós duas havíamos adotado e aprimorado essa linguagem para criar um idioma particular, uma mistura de sinais e palavras inventadas que usávamos se houvesse gente por perto e precisássemos conversar. Gostávamos de ver a expressão de perplexidade das outras irmãs quando eu gesticulava um comentário dissimulado à mesa do café da manhã e desatávamos a rir.

À medida que crescíamos, Ceci e eu fomos nos transformando na antítese uma da outra: quanto menos eu falava, mais alto e com mais frequência ela se expressava por mim, logo menos eu precisava falar. Nossas personalidades simplesmente se exacerbaram. Isso não parecera importar na infância, espremidas como estávamos em uma família de seis irmãs, pois assim podíamos recorrer uma à outra.

O problema era que agora importava...

Ceci irrompeu sala adentro já falando:

– Adivinhe só? Achei! E a gente já pode se mudar daqui a algumas semanas. A construtora ainda precisa fazer uns acabamentos, mas, quando estiver pronto, vai ficar incrível. Nossa, que calorão aqui dentro. Não vejo a hora de ir embora deste lugar.

Ceci foi para a cozinha e ouvi o barulho da torneira sendo aberta no máximo. Era bem provável que a água tivesse espirrado, molhando as bancadas que eu limpava com tanto cuidado mais cedo.

– Quer água, Sia?

– Não, obrigada.

Repreendi mentalmente a mim mesma por me irritar com Ceci. Eu não gostava de ser chamada pelo apelido que ela inventara quando éramos pequenas, mas pelo menos Ceci só o usava quando estávamos a sós. O nome vinha de um livro que Pa Salt me dera de Natal, *A história de Anastásia*, sobre uma menina que morava nas florestas da Rússia e descobria que era uma princesa.

– Ela parece com você, Estrela – dissera Ceci aos 5 anos enquanto examinávamos as ilustrações. – Talvez você *também* seja uma princesa... Com seus cabelos louros e olhos azuis, é bonita o suficiente para ser mesmo. Então vou chamar você de Sia. Combina muito bem com Ceci! Ceci e Sia... as gêmeas! – Ela batera palmas, animada.

Só depois é que descobri a *verdadeira* história da família real russa, o que havia acontecido com Anastásia Romanova e seus irmãos – algo muito diferente de um conto de fadas.

Além disso, eu não era mais criança e, sim, uma adulta de 27 anos.

– Eu sei que você vai amar o apê. – Ceci tornou a entrar na sala e se jogou no sofá de couro gasto. – Marquei uma visita para a gente amanhã de manhã. Custa os olhos da cara, mas agora tenho dinheiro para isso, ainda mais porque o agente me falou que a City está um turbilhão. Não tem ninguém interessado em comprar neste momento, então consegui barganhar o preço. Já está na hora de termos uma casa de verdade.

*Já está na hora de eu ter uma vida de verdade*, pensei.

– Você vai *comprar* esse imóvel? – perguntei.

– Vou. Ou melhor, se você gostar.

Fiquei tão espantada que não soube o que dizer.

– Está tudo bem, Sia? Você parece abatida. Não dormiu bem ontem à noite?

– Não.

Apesar de eu tentar me conter, lágrimas brotaram dos meus olhos ao pensar nas longas horas insones que se sucederam rumo à aurora, durante as quais eu passara chorando a morte de meu amado pai, ainda sem conseguir acreditar.

– Você ainda está em choque, o problema é esse. Afinal, faz só umas poucas semanas. Juro que vai se sentir melhor, principalmente depois de

ver nosso apartamento novo amanhã. O que está deprimindo você é este pardieiro. Com certeza está *me* deprimindo – acrescentou ela. – Já mandou e-mail para o cara sobre o curso de culinária?

– Já.

– E começa quando?

– Semana que vem.

– Ótimo. Assim dá tempo de escolher alguns móveis para a casa nova. – Ceci se aproximou e me deu um abraço sincero. – Mal posso esperar para lhe mostrar o apartamento.



– Não é incrível?

Ceci abriu bem os braços, indicando o espaço amplo, e sua voz ecoou enquanto ela andava até a imensa fachada envidraçada e abria uma porta corrediça.

– E, olhe, esta varandinha é para você – continuou, acenando para eu segui-la. “Varandinha” era uma palavra muito humilde para descrever aquele espaço comprido, suspenso sobre o Tâmis. – Vai poder enchê-la com todas as suas ervas e aquelas flores em que você gostava de mexer lá em Atlantis. – Ela foi até a balaustrada e olhou para a água cinzenta lá embaixo. – Não é um espetáculo? – Ceci tornou a entrar e eu fui atrás. – A cozinha ainda precisa ser ajustada, mas assim que eu assinar a compra você vai ficar livre para escolher o fogão, a geladeira e tudo o mais. Agora que vai virar profissional – completou, piscando.

– Não exagere, Ceci. Eu só vou fazer um curso de extensão.

– Mas você tem tanto talento... Tenho certeza de que vai conseguir um emprego quando as pessoas virem do que é capaz. Enfim, encontrei o apê perfeito para nós duas, não acha? Posso usar aquele canto para o meu estúdio. – Ela apontou para uma parte estreita entre a parede mais distante e uma escada de caracol. – A iluminação ali é fantástica. E você vai ter uma cozinha grande e a varanda. Foi a coisa mais parecida com Atlantis que consegui encontrar no centro de Londres.

– Sim, é lindo. Obrigada.

Pude ver como ela estava empolgada com seu achado e precisei reconhecer que o apartamento era *mesmo* impressionante. Não quis ser estraga-

-prazeres dizendo a verdade: viver dentro de uma imensa caixa de vidro sem personalidade, com vista para um rio de águas barrentas, não poderia ser mais diferente de Atlantis.

Enquanto minha irmã e o corretor conversavam sobre o piso de tábua corrida clara que mandaríamos instalar, sacudi a cabeça para espantar os pensamentos negativos. Sabia que eu era muito mimada. Afinal, comparado às ruas de Délhi ou às favelas que eu vira no Camboja, um apartamento novinho em folha em Londres não chegava a ser um calvário.

Mas a questão era que eu teria *preferido* uma cabana simples, minúscula, com bases firmes plantadas no chão e uma porta de entrada que desse diretamente para um espaço de terra batida.

Já não prestava muita atenção na conversa de Ceci sobre um controle remoto que abria e fechava as persianas e outro que operava alto-falantes invisíveis de um sistema de som *surround*. Pelas costas do corretor, ela gesticulou para mim as palavras “cheio de onda” e revirou os olhos. Consegui abrir um pequeno sorriso em resposta, mas estava sentindo claustrofobia por não poder abrir a porta e *sair correndo*... Cidades me sufocavam. Eu achava um exagero todo aquele barulho, os cheiros e as hordas de pessoas. Mas pelo menos o apartamento era vasto e arejado.

– Sia?

– Desculpe, Ceci. O que você disse?

– Vamos lá em cima ver nosso quarto?

Subimos a escada e entramos no aposento que, segundo ela, iríamos dividir, muito embora houvesse um cômodo extra. Senti um calafrio percorrer meu corpo ao admirar a vista, que era espetacular ali de cima. Quando examinei o incrível banheiro da suíte, percebi que Ceci tinha dado o melhor de si para achar algo bonito que conviesse a nós duas.

Mas a verdade era que não éramos casadas, e sim *irmãs*.

Depois da visita, Ceci me arrastou para uma loja de móveis na King's Road, então pegamos o ônibus e atravessamos o rio pela Albert Bridge.

– Esta ponte foi batizada em homenagem ao marido da rainha Vitória – expliquei, por força do hábito. – E existe um memorial para ele em Kensington...

Ceci me interrompeu fazendo o gesto de “exibida” na minha cara.

– Sério, Estrela, não me diga que você ainda carrega um guia para todo canto?

– Carrego – admiti, fazendo o sinal de “nerd”. Eu adorava história.

Saltamos perto do nosso apartamento e Ceci se virou para mim.

– Vamos jantar aqui na rua mesmo. Deveríamos comemorar.

– Estamos sem dinheiro.

*Ou, pelo menos, eu estou, pensei.*

– Eu pago – afirmou ela.

Fomos até um pub próximo. Ceci pediu uma garrafa de cerveja para ela e uma taça pequena de vinho para mim. Nenhuma de nós duas bebia muito; minha irmã descobrira que era fraca para o álcool da forma mais difícil, após uma festa. Enquanto ela esperava junto ao balcão, fiquei pensando sobre o dinheiro que Ceci ganhara misteriosamente depois que todas as irmãs tinham recebido envelopes de Pa Salt das mãos de Georg Hoffman, seu advogado. Ceci fora visitá-lo em Genebra. Eu havia implorado a ele que me deixasse acompanhá-la à reunião, mas Georg fora categórico:

– Infelizmente, tenho que seguir as instruções do meu cliente. Seu pai insistiu para que todas as reuniões com as filhas dele fossem individuais.

Assim, fiquei esperando na recepção durante a conversa de Ceci. Quando ela saiu, pude ver que estava ao mesmo tempo tensa e empolgada.

– Desculpe, Sia, mas precisei assinar uma cláusula idiota de privacidade. Deve ser mais um dos joguinhos de Pa. Tudo que posso dizer é que as notícias são boas.

Até onde eu sabia, aquele era o único segredo que Ceci já havia escondido de mim e eu continuava sem ter a menor ideia da origem daquele dinheiro. Georg Hoffman nos explicara que o testamento deixava bem claro que continuaríamos a receber nossas mesadas básicas, mas que estávamos livres para recorrer a ele se precisássemos de um extra. Então talvez bastasse só pedir, como Ceci devia ter feito.

– Tim-tim! – Ela bateu com a garrafa na minha taça. – À nova vida em Londres.

– E a Pa Salt – completei, erguendo a taça.

– Sim. Você o amava mesmo, não é?

– *Você não?*

– É claro que sim, muito. Ele era... especial.

Fiquei observando minha irmã enquanto nossa comida chegava e ela começava a devorá-la. A morte dele parecia ser uma tristeza só minha, não nossa.

– Acha que a gente deveria comprar o apê?

– Ceci, é você que decide. Quem vai pagar não sou eu, então não cabe a mim opinar.

– Deixe de ser boba. Você sabe que o que é meu é seu, e vice-versa. Além disso, se algum dia você decidir abrir aquele envelope que ele lhe deixou, quem sabe o que vai encontrar? – incentivou-me ela.

Ceci não largava do meu pé desde que tínhamos recebido os envelopes. Abriu o seu com um rasgão quase na mesma hora, imaginando que eu fosse fazer o mesmo.

– Vamos lá, Sia, você não vai abrir? – ela me pressionara na época.

Mas eu simplesmente não conseguira... Não importando o que houvesse lá dentro, abri-lo significaria aceitar que Pa tinha partido. E eu ainda não estava preparada para isso.

Depois de comermos, Ceci pagou a conta e voltamos para casa. Ela ligou para o banco e solicitou o depósito para pagar o novo apartamento, em seguida se acomodou em frente ao laptop e começou a reclamar da conexão instável.

– Venha cá me ajudar a escolher uns sofás – chamou da sala enquanto eu enchia a banheira amarelada com água morna.

– Vou tomar banho – respondi, trancando a porta.

Fiquei deitada, imersa, e mergulhei a cabeça. Ouvi os sons distorcidos – *sons uterinos*, pensei – e decidi que precisava ir embora antes de enlouquecer de vez. Nada daquilo era culpa de Ceci e eu com certeza não queria descontar nela. Amava minha irmã. Ela sempre estivera ao meu lado, mas...

Vinte minutos depois, com minha decisão tomada, fui até a sala.

– O banho foi bom?

– Foi. Ceci...

– Venha cá ver os sofás que achei.

Ela acenou para que eu me aproximasse. Obedeci, encarando, distraída, os diversos tons de creme.

– Qual você prefere?

– O que você quiser. É você que curte decoração, não eu.

– Que tal este aqui? – Ceci apontou para a tela. – Claro que a gente precisa sentar nele, pois um sofá não pode ser só bonito. Tem que ser confortável também. – Ela anotou o nome e o endereço do revendedor. – Quem sabe a gente faz isso amanhã?

Inspirei fundo.

– Ceci, você se incomoda se eu for passar um ou dois dias em Atlantis?

– Se é isso que você quer, Sia, claro, sem problema. Vou ver uns voos para a gente.

– Na verdade, eu estava pensando em ir sozinha. Quero dizer... – Engoli em seco, esforçando-me para não perder o embalo. – Você agora está ocupada aqui com o apartamento e tal, e eu sei que tem vários projetos de arte que está ansiosa para tocar.

– É, mas um ou dois dias não vão tirar pedaço. Se é isso que você precisa fazer, eu entendo.

– Sério – falei, firme. – Acho que eu preferiria ir sozinha.

– Por quê?

Ceci se virou para mim, arregalando os olhos amendoados.

– Porque... porque sim. Quero me sentar no jardim que ajudei Pa Salt a plantar e abrir minha carta.

– Entendi. Claro, sem problema – disse ela, dando de ombros.

Senti a atmosfera gélida, mas dessa vez não daria o braço a torcer.

– Vou deitar. Estou com uma baita dor de cabeça.

– Vou dar um analgésico para você. Quer que eu pesquise uns voos?

– Já tomei. Sim, obrigada, seria ótimo. Boa noite.

Inclinei-me e beijei Ceci no topo da cabeça. Como sempre, seus cabelos encaracolados escuros e lustrosos estavam com um corte curto e masculino. Fui até o minúsculo quarto com duas camas de solteiro, mais parecido com um armário.

A cama era dura e estreita, com um colchão fino. Embora nossa criação tivesse sido privilegiada, em meio ao luxo, havíamos passado os últimos seis anos das viagens pelo mundo pernoitando em espeluncas, pois nenhuma das duas estava disposta a pedir dinheiro a Pa Salt, embora estivéssemos duras. Ceci, em especial, sempre fora muito orgulhosa, por isso eu ficava tão espantada ao vê-la gastar dinheiro a rodo, um dinheiro que só poderia ter vindo *dele*.

Talvez eu perguntasse a Ma se ela sabia algo mais, porém tinha consciência de que minha tutora era discretíssima e não espalharia fofocas entre as irmãs.

– Atlantis – murmurei.

*Liberdade...*

Naquela noite, peguei no sono quase na mesma hora.

## 2

Christian estava à minha espera no barco quando cheguei de táxi ao píer flutuante instalado no lago Léman. Cumprimentou-me com seu sorriso caloroso habitual e, pela primeira vez, me perguntei quantos anos ele teria. Embora, sem dúvida, fosse capitão da nossa lancha desde a minha mais tenra infância, com seus cabelos escuros, pele morena bronzada e musculatura tonificada, parecia ter sempre 35 anos.

Partimos pelo lago e eu me reclinei no confortável banco de couro na proa, imaginando por que os empregados que trabalhavam em Atlantis nunca davam a impressão de envelhecer. Enquanto o sol brilhava e eu respirava o ar puro tão familiar, pensei que talvez Atlantis fosse *mesmo* um lugar encantado e os que viviam do lado de dentro de seus muros tivessem recebido a dádiva da vida eterna e lá permaneceriam para sempre.

Todos, menos Pa Salt...

Eu mal conseguia suportar pensar na última vez em que estivera ali. As seis irmãs – cada qual adotada e trazida dos cantos mais remotos do mundo, batizadas em homenagem às Plêiades – tínhamos nos reunido na casa de nossa infância por causa da morte dele. Não houvera sequer um funeral, um instante para lamentar sua partida; segundo Ma, ele havia insistido para ser enterrado reservadamente no mar.

Tudo que nos restara fora seu advogado suíço, Georg Hoffman. Ele nos mostrara o que, à primeira vista, parecera um complexo relógio de sol, surgido da noite para o dia no jardim especial de Pa. Georg tinha explicado que aquilo era uma esfera armilar, que mapeava a posição das estrelas. Em cada um dos aros que rodeava o globo central estava gravado o nome de uma de nós e um conjunto de coordenadas indicava exatamente onde Pa nos encontrara, acompanhadas por uma citação em grego.

Maia e Ally, minhas irmãs mais velhas, tinham passado para as outras os locais das coordenadas e o significado das inscrições. Eu ainda não lera

nenhum dos dois; guardara o papel em uma pasta plástica com a carta que Pa Salt havia escrito para mim.

A lancha começou a desacelerar e, por entre um aglomerado de árvores que a impedia de ser vista do lago, vislumbrei partes da linda casa na qual tínhamos sido criadas. Com o exterior rosa-claro, quatro pequenas torres e janelas cintilando sob o sol, parecia um castelo de conto de fadas.

Lembro que, depois de Georg nos mostrar a esfera e entregar as cartas, Ceci ficara ansiosa para partir. Eu não: queria ao menos passar um tempinho lamentando a morte de Pa na casa em que ele havia me criado com tanto amor. Agora, duas semanas mais tarde, eu estava de volta, desesperada para encontrar a força e a solidão necessárias a fim de aceitar a morte dele e seguir em frente.

Christian guiou a lancha até o deque e amarrou as cordas. Ele me deu a mão para eu saltar e vi Ma atravessando o gramado na minha direção, como havia feito todas as vezes em que eu retornara para casa. O simples fato de vê-la me trouxe lágrimas aos olhos e me deixei envolver por seu abraço apertado, acolhedor.

– Que delícia ter você de volta aqui comigo – disse ela, em tom carinhoso, beijando-me nas bochechas e recuando para me olhar. – Não vou falar que está magra demais porque isso nunca muda – acrescentou, com um sorriso, e me conduziu em direção à casa. – Claudia preparou seu doce predileto, strudel de maçã, e a chaleira já está no fogo. – Ela apontou para a mesa na varanda. – Sente-se lá e aproveite os últimos raios de sol. Vou levar sua mochila para dentro e pedir para Claudia trazer o chá e a torta.

Observei-a desaparecer dentro da casa, então me virei para admirar os jardins luxuriantes e o gramado perfeito. Vi Christian subindo o discreto caminho até os aposentos situados acima da garagem de barcos, abrigada em uma enseada depois dos jardins principais da residência. Atlantis era um mecanismo bem-azeitado que continuava funcionando mesmo que o seu inventor original não estivesse mais ali.

Ma reapareceu e Claudia veio atrás dela com a bandeja do chá. Ergui os olhos e lhe dei um sorriso, pois sabia que a governanta era ainda menos falante do que eu e nunca iniciaria uma conversa.

– Oi, Claudia. Tudo bem?

– Tudo, obrigada – respondeu ela, com seu sotaque alemão carregado.

Todas nós, irmãs, tínhamos aprendido francês desde pequenininhas por

insistência de Pa. Ma era francesa até o fio dos cabelos. Dava para notar sua origem na blusa e na saia de seda, simples porém impecáveis, e nos cabelos presos em um coque. Mas com a governanta só conversávamos em inglês. Comunicando-nos com as duas, havíamos nos acostumado a trocar de idioma em poucos segundos.

– Estou vendo que ainda não cortou os cabelos – disse Ma com um sorriso, gesticulando para minha franja loura comprida. – Então, *chérie*, como você está?

Ela serviu o chá enquanto Claudia se retirava.

– Estou bem.

– Bom, estou vendo que não. Nenhuma de nós está. Como seria possível, depois desse terrível acontecimento tão recente?

– Pois é – concordei.

Ela me passou o chá e adicionei leite e três colheres de açúcar. Apesar de as minhas irmãs viverem me chateando por causa da magreza, eu gostava muito de doce e não fazia cerimônia.

– E Ceci, como vai?

– Segundo ela, bem, mas na verdade não sei se é o caso.

– A tristeza afeta cada um de um jeito diferente – ponderou Ma. – E, muitas vezes, causa mudanças. Sabia que Maia pegou um avião para o Brasil?

– Sabia. Ela mandou um e-mail para mim e para Ceci faz uns dias. Você sabe por quê?

– Imagino que tenha algo a ver com a carta que o seu pai deixou para ela. Mas, seja qual for o motivo, estou feliz por Maia. Teria sido difícil ficar aqui sozinha chorando a morte de Pa. Ela é jovem demais para se isolar. Afinal, você mesma bem sabe como viajar pode expandir o horizonte de uma pessoa.

– Sei, sim. Mas agora me enchi de viajar, pelo menos por enquanto.

– É mesmo?

Assenti e, de repente, senti nos ombros o peso daquela conversa. Em geral, Ceci estaria ao meu lado para falar por nós duas. No entanto, como Ma permaneceu calada, tive que prosseguir:

– Já vi o suficiente.

– Tenho certeza disso – replicou Ma com uma risadinha. – Existe algum lugar que vocês duas não tenham visitado nos últimos cinco anos?

– Austrália e Amazônia.

– Por que esses dois em especial?

– Ceci morre de medo de aranha.

– Claro! – Ma bateu uma palma ao se lembrar. – Na infância, ela parecia não ter medo de nada. Você deve lembrar como Ceci vivia pulando no mar da pedra mais alta.

– Ou como ela as escalava.

– Também lembra como ela conseguia prender a respiração debaixo d'água por tanto tempo que eu pensava que tivesse se afogado?

– Lembro – respondi, séria, recordando como minha irmã havia tentado me convencer a acompanhá-la nos esportes radicais. Mas eu fincara o pé, me recusando.

Durante nossas viagens pela Ásia, ela passava horas fazendo mergulho com cilindro ou tentando escalar as vertiginosas rochas internas de vulcões na Tailândia e no Vietnã. Enquanto ela estava debaixo d'água ou nas alturas, eu ficava deitada quietinha na areia lendo um livro.

– E ela sempre odiou usar sapato... Quando ela era criança, tinha que obrigá-la a calçá-los – rememorou Ma, sorrindo.

– Ela os jogou no lago uma vez. – Apontei para as águas calmas. – Precisei convencê-la a ir buscá-los.

– Ela sempre teve um espírito livre. – Ma suspirou. – Era tão corajosa... Então, um belo dia, quando ela devia ter uns 7 anos, ouvi um grito bem alto vir do seu quarto e achei que Ceci pudesse estar sendo atacada. Mas não, era só uma aranha do tamanho de uma moeda no teto. Quem poderia imaginar? – Ma balançou a cabeça.

– Ela também tem medo de escuro.

– Ora, isso é novidade para mim.

Os olhos de Ma se anuviaram e senti que, de alguma forma, havia ofendido as habilidades maternas daquela mulher contratada por Pa Salt para cuidar de nós – as bebês adotadas que, sob os cuidados dela, tinham virado meninas e depois moças –, para agir *in loco parentis* durante as viagens dele pelo estrangeiro. Ma não tinha vínculo genético com nenhuma das seis. Apesar disso, era muito importante para todas.

– Ela ficou com vergonha de contar que tinha pesadelos horríveis.

– Foi por isso que você se mudou para o quarto dela? – indagou Ma, compreendendo enfim, após tantos anos. – E, pouco depois, me perguntou se podia ganhar uma luminária noturna?

– Foi.

– Achei que fosse para você. Isso mostra que nunca conhecemos as pessoas como pensamos. Mas, enfim, como anda Londres?

– Eu gosto de lá, mas faz pouco tempo que chegamos. Além disso...

Suspirei, sem conseguir traduzir em palavras minha consternação.

– Você está de luto – concluiu Ma por mim. – E talvez sinta que não importa o lugar, pois não faz a menor diferença.

– Pois é, mas para cá eu quis vir.

– E, *chérie*, é um prazer tê-la aqui, principalmente por estarmos só nós duas. Isso não aconteceu muitas vezes, não é?

– Não mesmo.

– Você quer que isso se repita?

– Eu... quero, sim.

– É uma evolução natural. Nem você nem Ceci são mais crianças. Isso não quer dizer que não possam ser próximas, mas é importante as duas terem vidas próprias. Com certeza Ceci deve sentir o mesmo.

– Não sente, não, Ma. Ela precisa de mim. Não posso abandoná-la – re-truquei, soltando toda a frustração, todo o medo e toda a... *raiva* que fervilhavam dentro de mim, por mim mesma e por aquela situação.

Apesar da minha capacidade de autocontrole, não consegui conter o súbito e enorme soluço que brotou do fundo da minha alma.

– Ah, *chérie*...

Ma se levantou e uma sombra passou na frente do sol na hora em que ela se ajoelhou na minha frente e segurou minhas mãos.

– Não precisa ficar com vergonha. Faz bem pôr para fora.

E eu pus. Não posso dizer que foi choro, pois mais parecia um uivo o som de todas as palavras não ditas e todos os sentimentos represados que saíram acompanhados por uma enxurrada de lágrimas.

– Desculpe, desculpe... – murmurei quando Ma tirou do bolso uma caixa de lenços de papel para enxugar meu dilúvio. – Estou só... chateada por causa de Pa...

– É claro que está, e não precisa se desculpar, sério – disse ela com delicadeza.

Fiquei ali sentada com a sensação de ter me esgotado completamente, como o tanque de gasolina de um carro que tivesse secado.

– Muitas vezes me preocupei com o fato de você guardar tanta coisa aí dentro – continuou Ma. – Então agora estou mais feliz. – Ela sorriu. –

Mesmo que você não esteja. Posso fazer uma sugestão? Que tal subir até o quarto e tomar um banho antes de jantar?

Acompanhei-a para dentro da casa, que tinha um cheiro tão especial. Muitas vezes tentara desconstruí-lo para poder recriá-lo nos lares provisórios em que vivia: um aroma de limão, um pouco de cedro, bolos recém-saídos do forno... mas, é claro, o cheiro era mais do que a soma das partes; era simplesmente algo específico de Atlantis.

– Quer que eu vá com você? – perguntou Ma quando comecei a subir a escada.

– Não, tudo bem.

– Depois conversamos mais, *chérie*. Se precisar de mim, sabe onde me encontrar.

Cheguei ao andar de cima, onde cada uma das irmãs tinha um quarto; Ma ocupava uma suíte com saleta e banheiro privativos. O cômodo que eu dividia com Ceci ficava entre o de Ally e o de Tiggy. Abri a porta e sorri ao deparar com a cor das paredes. Aos 15 anos, Ceci havia passado por uma fase gótica e quisera pintar três delas de preto. Eu não tinha deixado, e sugerira um meio-termo: roxo. Ela insistira para decorar por conta própria a quarta parede junto à cama.

Depois de um dia inteiro trancada no quarto, surgira pouco antes da meia-noite, com os olhos vidrados.

– Agora você pode olhar – falou, guiando-me até lá.

Fiquei impressionada com as cores vibrantes: um fundo azul-escuro vívido salpicado de manchas de um azul mais claro e, no centro, um aglomerado de estrelas douradas de um lindo brilho flamejante. Reconheci na hora o formato: Ceci tinha pintado as Plêiades... tinha pintado *nós sete*.

Quando minha visão se ajustou, percebi que cada estrela era formada por pontos diminutos e precisos, como pequenos átomos se combinando para dar vida ao todo.

Eu tinha sentido a presença da minha irmã atrás de mim e sua respiração apreensiva em meu ombro.

– Que fantástico, Ceci! Ficou incrível, sério. Como você teve essa ideia?

– Não tive. Eu só... – Ela dera de ombros. – Eu sabia o que fazer, só isso.

Desde então, eu tivera tempo de sobra para observar a parede da minha cama e às vezes ainda encontrava algum pequeno detalhe no qual nunca havia reparado antes.

No entanto, mesmo depois dos fartos elogios das irmãs e de Pa, Ceci nunca mais tinha repetido aquele estilo.

– Ah, foi só uma inspiração que eu tive. Já evolui depois disso – afirmara ela.

Ao ver a parede agora, após doze anos, eu ainda pensava que aquela era a obra de arte mais criativa e linda que Ceci havia produzido.

Vi que minha bolsa de viagem já fora desfeita, as poucas roupas dobradas direitinho em cima da cadeira. Sentei-me na cama, subitamente pouco à vontade. Não havia quase nada meu no quarto e a culpa disso era toda minha.

Fui até a cômoda, abri a última gaveta de baixo e peguei a velha lata de biscoitos em que guardara minhas mais preciosas recordações. Tornei a me acomodar na cama, coloquei-a sobre os joelhos, abri a tampa e peguei um envelope. Após dezessete anos ali dentro, adquirira uma textura seca, ainda que lisa. Removi o conteúdo e olhei para a ficha de papel grosso no qual a flor seca ainda estava presa.

*Bem, Estrela querida, no final das contas a gente conseguiu fazer essa flor brotar.*

*Beijo, Pa*

Passei os dedos pelas pétalas delicadas, tão finas quanto as asas de um inseto, mas que ainda continham uma lembrança desbotada do tom rubro vibrante da primeira floração de nossa planta no jardim, que eu ajudara Pa a criar durante as férias escolares.

Para isso, eu precisara acordar cedo, antes de Ceci. Ela dormia tão pesado – sobretudo depois dos pesadelos, que tendiam a ocorrer entre duas e quatro da madrugada – que nem reparava nas minhas ausências matinais. Pa me encontrava no jardim com cara de quem já estava acordado havia horas, e talvez estivesse mesmo. Eu chegava com os olhos pesados de sono, mas animada com o que ele teria para me mostrar.

Às vezes eram apenas poucas sementes na sua mão; noutras, uma delicada muda trazida de uma viagem. Nós nos sentávamos no banco sob o caramanchão da roseira, abríamos sua enciclopédia botânica, imensa e muito antiga, e ele a folheava com as mãos fortes e morenas até encontrar a origem de nosso tesouro. Depois de ler sobre o habitat natural da espécie e as suas preferências, percorríamos o jardim e decidíamos o melhor lugar para plantá-la.

*Na verdade, pensei, ele sugeria e eu concordava. Mas sempre parecia que minha opinião tinha importância.*

Muitas vezes me lembro da imagem bíblica que ele me contou certo dia quando estávamos trabalhando no jardim: Deus cuida dos homens como cuida dos lírios do campo, vestindo-os de forma bela.

– É claro que nós, humanos, somos iguaizinhos às sementes – dizia Pa com um sorriso, tirando das mãos a terra fértil e cheirosa enquanto eu usava meu regador infantil. – Com sol, chuva... e amor, temos tudo de que precisamos.

De fato, nosso jardim floresceu e, nessas manhãs especiais de jardinagem na companhia de Pa, aprendi a arte da paciência. Quando às vezes, poucos dias depois, voltava ao local para ver se nossa planta tinha começado a crescer e via que não houvera mudança, ou então que ela estava seca e morta, perguntava a Pa por que não estava brotando.

– Estrela – falava ele, segurando meu rosto entre as mãos calejadas. – Qualquer coisa de valor duradouro leva tempo para se realizar plenamente. Quando isso acontecer, você vai ficar feliz por ter perseverado.

*Então amanhã vou acordar cedo e voltar ao nosso jardim,* pensei, fechando a lata.



Naquela noite, Ma e eu jantamos à luz de velas em uma mesa na varanda. Claudia havia preparado umas costeletas de cordeiro perfeitas, acompanhadas por cenouras baby glaceadas e brócolis fresco da horta. Quanto mais eu começava a entender sobre culinária, mais percebia como ela de fato era talentosa.

– Você já decidiu onde vai morar? – perguntou Ma, ao término da refeição.

– Ceci tem o curso preparatório de arte em Londres.

– Eu sei, Estrela, mas estou perguntando de você.

– Ela vai comprar um apartamento com vista para o rio Tâmis. Vamos nos mudar para lá no mês que vem.

– Entendi. Você gostou do lugar?

– Lá é muito... grande.

– Não foi o que eu perguntei.

– Eu posso morar lá, Ma. O lugar é mesmo incrível – acrescentei, sentindo-me culpada pela reticência.

– E você vai fazer o curso de culinária enquanto Ceci se dedica à arte?

– É.

– Quando você era menor, pensei que fosse virar escritora. Afinal, você se formou em Literatura Inglesa.

– Sim, eu adoro ler.

– Estrela, você se subestima. Ainda me lembro das histórias que costumava escrever na infância. Às vezes Pa as lia para mim.

– Sério? – Isso me encheu de orgulho.

– Sim. E não esqueça que lhe ofereceram uma vaga na Universidade de Cambridge, mas você não aceitou.

– Pois é.

Até eu reparei no tom abrupto da minha própria voz. Aquele era um episódio que eu ainda considerava doloroso recordar, mesmo após nove anos...

– Ceci, você não se importa de eu tentar uma vaga em Cambridge, certo? – eu havia perguntado à minha irmã na época. – Meus professores acham que eu deveria.

– É claro que não, Sia. Você é muito inteligente, tenho certeza de que vai ser aceita! Também vou dar uma olhada nas universidades da Inglaterra, mas duvido que vá receber alguma proposta. Você sabe como eu sou burra. Se não conseguir, vou com você e arrumo um emprego num bar ou algo assim. – Ela deu de ombros. – Não faz mal. O mais importante é estarmos juntas, não?

Na época, eu tinha certeza de que sim. Em casa e no colégio interno, onde as outras meninas sentiam nossa proximidade e nos deixavam em paz, éramos tudo uma para a outra. Por isso, escolhemos outras universidades com cursos de graduação que agradassem a ambas, assim poderíamos ficar juntas. Eu me candidatei a Cambridge e, para meu assombro, recebi uma proposta para preencher uma vaga no Selwyn College, condicionada às minhas notas nas provas finais do colégio.

Ouvira Pa ler a carta no Natal, sentada no seu escritório. Ele havia erguido os olhos para mim e eu me deliciara com o orgulho e a emoção que vira estampada neles. Meu pai apontara para o pequeno pinheiro decorado com enfeites antigos. Bem lá no alto brilhava uma reluzente estrela prateada.

– Olhe você ali – dissera ele, sorrindo. – Vai aceitar a vaga?

– Eu... Eu não sei. Vou esperar para ver o que acontece com Ceci.

– Bom, a decisão deve ser sua. Em algum momento precisa fazer o que for certo para você – acrescentara ele, contundente.

Depois disso, Ceci e eu tínhamos recebido duas propostas cada para universidades às quais havíamos nos candidatado juntas, em seguida feito as provas e aguardado, nervosas, os resultados.

Após dois meses, Ceci e eu estávamos sentadas com nossas irmãs no convés intermediário do *Titã*, o magnífico iate de Pa. Fazíamos o cruzeiro anual – naquele ano, uma viagem pelo litoral do sul da França – segurando, aflitas, os envelopes que continham as notas das provas finais. Pa havia acabado de entregá-los, tirando-os da pilha de correspondência que chegava por lancha, a cada dois dias, sempre que estávamos no mar.

– Então, meninas, querem abrir aqui ou sozinhas? – perguntara Pa, sorrindo ao ver nossas caras tensas.

– Melhor acabar logo com isso – respondera Ceci. – Estrela, abra o seu primeiro. Não devo ter passado mesmo.

Diante de todas as irmãs e de Pa, eu abri o envelope com os dedos trêmulos e puxara as folhas de papel.

– E aí? – perguntara Maia, pois demorei a anunciar os resultados.

– Consegui! Fui chamada!

Todos irromperam em vivas e palmas enquanto eu recebia um abraço apertado das minhas irmãs.

– Agora você, Ceci – dissera Electra, a caçula, com os olhos brilhando.

Todos sabíamos que Ceci tivera dificuldade na escola por causa da dislexia. Já Electra conseguia passar em qualquer prova que quisesse, mas era preguiçosa.

– Seja qual for o resultado, eu não me importo – falara Ceci, na defensiva, e lhe gesticulei as palavras “boa sorte” e “amo você”.

Ela rasgara o envelope e eu prendera a respiração ao ver seus olhos percorrerem os resultados.

– Ai, meu Deus! Eu...

Todos a encaravam na expectativa.

–... Eu passei! Estrela, eu passei! Posso ir para Sussex estudar história da arte.

– Que maravilha! – respondera eu, pois sabia que ela havia se esforçado.

Porém, também tinha visto a expressão questionadora de Pa, pois ele sabia da decisão que agora eu precisaria tomar.

– Parabéns, querida – dissera meu pai, sorrindo. – Sussex é um lugar lindo, ainda mais que as montanhas das Sete Irmãs ficam lá.



Mais tarde, Ceci e eu tínhamos ido nos sentar no convés superior do iate para assistir ao glorioso pôr do sol no Mediterrâneo.

– Sia, vou entender perfeitamente se você quiser aceitar a vaga em Cambridge em vez de estudar em Sussex comigo. Não quero atrapalhar você nem nada disso. Mas é que... – O lábio inferior dela tremera. – Não sei como faria sem você. Só Deus sabe como iria me virar para escrever os trabalhos da faculdade sem a sua ajuda.

Naquela noite, no iate, eu ouvira Ceci se remexer e gemer baixinho. Entendi que era o começo de um de seus terríveis pesadelos. Àquela altura, eu já sabia reconhecer os sinais, então me levantara da cama, fora até a dela e começara a fazer sons tranquilizadores, embora soubesse também que não conseguiria acordá-la. Os gemidos ficaram mais altos e ela se pusera a gritar palavras ininteligíveis que eu já havia desistido de entender.

*Como vou poder deixá-la? Ela precisa de mim... e eu, dela...*

Na época, eu precisava mesmo.

Portanto, acabei recusando a vaga em Cambridge e aceitado a de Sussex junto com minha irmã. No meio do terceiro período do curso de três anos, Ceci anunciara que ia largar tudo.

– Você entende, não é, Sia? Pintar e desenhar eu sei, mas não consigo, por nada deste mundo, escrever um trabalho sobre os pintores renascentistas e aqueles malditos quadros de Nossa Senhora que não acabam mais. Não consigo. Desculpe, mas não consigo.

Depois, Ceci e eu havíamos largado o quarto compartilhado no alojamento estudantil e alugado um apartamento sem graça. Enquanto eu ia às aulas, ela pegava o ônibus até Brighton para trabalhar como garçõnete.

No ano seguinte, eu chegara o mais perto possível do desespero ao pensar no sonho que havia abandonado.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)